

## 6. Reflexões Pós-Análise

Conforme apontado no final do capítulo anterior, algumas questões e dúvidas surgidas ao longo da pesquisa fizeram-me debruçar outra vez sobre bibliografia já estudada da PEBA. Foi então que li, ao lado de um trecho<sup>30</sup> em que Barone & Eisner (1994) abordam o potencial reflexivo da PEBA, a seguinte nota esquecida: “Mas a PE com seus pôsteres também faz isso (?)”. Assim, conhecendo sobre da Prática Exploratória (PE) muito pouco além dos criativos pôsteres a que costuma dar origem, voltei meus olhos e minha atenção para textos que tratavam dessa abordagem pedagógico-investigativa. Na subseção a seguir, falo ao leitor a respeito de minha imersão na Prática Exploratória para, então, dar continuidade a esta narrativa.

### 6.1. A PE para além de seus pôsteres

Acredito que aqui, antes de discorrer brevemente a respeito da Prática Exploratória, devo lançar uma reflexão. Como aquele comentário perdido faz perceber, já há meses (antes mesmo de ser apresentado à PEBA) eu conhecia a PE, instrumento de reflexão que veio a se mostrar de grande importância para este trabalho. Nesse contexto, lanço a pergunta: por que tudo em minha narrativa – desconsiderando-se o capítulo introdutório – faz parecer que a PE me era completamente desconhecida? Volto ainda a essa questão.

Explícita ou implicitamente, a PE esteve próxima a mim durante todo o curso de Mestrado. Implicitamente, a PE esteve em minha vida acadêmica na forma inclusiva e respeitosa como a professora Inés Miller conduzia suas aulas e seus alunos. Explícitamente, nessas mesmas aulas tive a oportunidade de ler textos da Prática Exploratória que me deram uma visão geral desse modo de

---

<sup>30</sup> “Employing these design elements, ABER [Arts Based Educational Research] at its best is capable of persuading the percipient to see educational phenomena in new ways, and entertain questions about them that might have been left unasked.”(Barone & Eisner, 1994, p . 96)

conceber a pesquisa em contexto pedagógico. No entanto, reitero, somente quando percebi conexões entre a PEBA e a PE que busquei saber mais sobre essa abordagem exploratória da pesquisa educacional. Apresento aqui o que descobri.

Num momento em que a equiparação do professor ao pesquisador surgia como antídoto para os incômodos problemas ético-metodológicos da pesquisa educacional *third-party*<sup>31</sup>, a Prática Exploratória, ainda em fase embrionária, trouxe uma nova questão: “alunos são interessantes, ao menos tão interessantes quanto professores” (Allwright, 1980 apud Allwright & Hanks, 2009, p. 131). Nessas palavras, têm-se os primeiros passos em direção a um modo totalmente inclusivo de se fazer pesquisa, uma abordagem que busca afastar-se da dicotomia pesquisador-pesquisado e tratar a todos os integrantes da pesquisa (professores e/ou alunos, pesquisadores e/ou professores) como copesquisadores.

Nesse sentido, já em sua essência a PE diferencia-se de correntes metodológicas aparentemente afins como, por exemplo, a Pesquisa-Ação (PA), segundo Kemmis e McTaggart, 1981. Outro ponto de diferença em relação à PA, é que a Prática Exploratória não visa primeiramente à mudança nem necessariamente à resolução de problemas. Como se observa em seus princípios elencados mais abaixo, a PE busca o entendimento e alimenta-se de questões.

Todavia, é importante pontuar que a Prática Exploratória não é avessa a mudanças nem afirma que modificações não possam vir a ocorrer em decorrência de trabalhos realizados sob sua perspectiva. Embora a PE não tenha como objetivo primeiro modificar rotinas ou procedimentos, isso não impede que mudanças venham a surgir a partir dos entendimentos alcançados através do trabalho exploratório por ela desencadeado (Moraes Bezerra, 2007).

A Prática Exploratória vem se desenvolvendo e se transformando através dos anos, sempre visando a entender a sala de aula em seus mais variados aspectos. Em conformidade com o que seus princípios orientadores, a PE em si é um exemplo de trabalho conjunto e alguns dos entendimentos<sup>32</sup> alcançados por seus praticantes podem ser ilustrados através dos princípios descritos por Allwright & Hanks (2009) e por mim adaptados que figuram abaixo:

---

<sup>31</sup> De acordo com Allwright & Hanks (2009), a pesquisa *third-party* é aquela realizada por alguém de fora da situação sob investigação.

<sup>32</sup> “Entendimento”, além de ser considerado um dos principais objetivos da Prática Exploratória, é um conceito largamente discutido na bibliografia da área. Para maiores esclarecimentos, conferir Allwright & Hanks, 2009; Gieve and Miller, 2006; e Cerdera (2009) .

- A ‘qualidade de vida’ para professores e alunos como a principal preocupação.
- O trabalho para entender a ‘qualidade de vida’ é mais importante e anterior à tentativa de modificá-la.
- Todos devem estar envolvidos no trabalho para entender.
- O trabalho deve ser uma forma de unir os nele envolvidos.
- Deve haver um espírito de desenvolvimento mútuo na condução do trabalho.
- O trabalho para entender é, necessariamente, contínuo.
- A integração entre práticas curriculares comuns e o trabalho para entender é uma forma de minimizar a sobrecarga e maximizar a sustentabilidade.

Longe de funcionarem como conjunto de regras fixas a serem seguidas pelos que pretendem trabalhar com a PE, esses princípios refletem toda uma gama observações realizadas por pesquisadores exploratórios.

Tal é a abrangência das discussões propostas pela Prática Exploratória que, como já era de se esperar, ao longo dos anos ela vem extrapolando o ambiente da sala de aula e a relação professor-aluno para mostrar-se como um caminho de investigação possível em diferentes contextos e variadas relações. Exemplo disso são os trabalhos de Miller (2001) e Moraes Bezerra (2007), que lançam mão de contribuições da Prática Exploratória para pensar, respectivamente, as relações construídas no âmbito da relação professor-consultor em um instituto de línguas e da coordenação pedagógica em um curso livre de línguas.

Também neste trabalho a PE encontra-se em um contexto diferente daquele para o qual ela foi inicialmente idealizada. E, embora aqui a sala não seja a sala de aula e ainda que os papéis de professor, pesquisador e até mesmo de aluno possam não ter aqui limite definidos, nada disso tornou menos possível ou menos natural a presença da PE neste estudo. Assim, para além dos pôsteres que estimulam a reflexão levantando questões e ensaiando respostas, a PE mostrou-se para mim como uma saída então necessária. A seguir, procuro mostrar como, agregando valores da PE, procurei encontrar (a) qualidade de vida em minha pesquisa com a PEBA.

## **6.2. Margens e rodapés**

Se por um lado as inquietações levaram-me à Prática Exploratória, por outro, já de início observei que também os êxitos alcançados encontravam relação com a PE. Assim, procurando reproduzir meu percurso de leitura, transcrevo abaixo algumas anotações realizadas durante o processo de imersão em bibliografia a respeito da Prática Exploratória. Todas estas notas foram retiradas de páginas de livros ou artigos e foram selecionadas por estarem relacionadas diretamente a alguma dificuldade ou sucesso percebido durante a reflexão deflagrada pelo filme ou posteriormente, na escuta da gravação.

As notas encontram-se organizadas em quatro subseções temáticas relacionadas a cada uma das inquietações ou êxitos de que tratarei. Essas seções, por sua vez, estão divididas em duas partes: primeiramente, há uma tabela contendo um trecho lido e uma nota de leitura referente a ele; em seguida, insiro minha reflexão a respeito de cada um desses pares.

### **6.2.1 Não quero escutar o que eu disse!**

O primeiro incômodo é aquele a que faço referência ainda na Introdução deste trabalho. Ele surgiu durante o encontro, quando, mostrando resistência em aceitar meu convite para escutarmos o que havíamos acabado de conversar, Juliana declarou preferir não voltar a ouvir o que havia dito.

Quadro 24 - Não quero escutar o que eu disse!

Reúna as pessoas; não as empurre para mais longe<sup>33</sup>.

(Allwright, 2000, p.1, minha tradução)

***Olha!! Trazer as pessoas pro processo: Inés.***

No momento mesmo em que foi feita, a declaração de Juliana chamou minha atenção para o que talvez fosse um aspecto pouco claro em meu trabalho. Em minha ânsia por refletir de forma conjunta, não pensei nos meios que utilizaria para garantir que todos fizessem daquela uma experiência positiva. Adotando uma postura surpreendentemente comum em pesquisas que se pretendem inclusivas, considerei que minha vontade de incluir as pessoas fosse o suficiente para que essa inclusão se desse de fato. Em outras palavras, à luz das explicações a respeito das Atividades Pedagógicas com Potencial Exploratório (APPE, Miller et al, 2013), adaptei as conversas que normalmente aconteciam entre Gisele, Juliana e eu, transformando-as em um espaço discursivo com potencial exploratório, no qual poderíamos comentar o filme. No entanto, encontro marcas discursivas na interação que me ajudam a entender, *a posteriori*, que pareço ter entrado na conversa exploratória com *minhas* questões, *meus* desejos, *meus* objetivos e *meus* métodos acreditando que minha “generosa” disposição em incluir a todos tornaria desnecessária quaisquer discussões a respeito do percurso pelo qual seguiríamos.

À época, quando comentei a respeito do episódio, minha orientadora sugeriu que eu passasse a consultar os participantes acerca dos próximos passos da pesquisa. Funcionou. A própria Juliana foi quem definiu quando e como escutaríamos a conversa daquela tarde. Somente bem mais tarde, quando li o trecho citado acima, entendi que, sem saber, eu havia colhido frutos de um princípio da Prática Exploratória.

No entanto, havia ainda uma questão.

<sup>33</sup> “Bring people together; do not push them further away” (Allwright, 2000, p.1).

### 6.2.2 Eu falo muito!

O outro incômodo diz respeito ao estranhamento que senti quando escutei minha participação durante aquela conversa. Em uma primeira audição, frustrou-me o fato de que, aparentemente, havia mais material para análise em minha participação do que na das duas outras professoras.

#### Quadro 25 – Eu falo muito!

Como a Pesquisa-Ação, uma pioneira na pesquisa *first-party*, poderia ser tão influenciada pelo modelo *third-party*?<sup>34</sup>

(Allwright & Hanks. 2009:142, minha tradução)

*Da mesma forma que eu parti pra uma pesquisa first-party ainda com a mentalidade third-party (?). Estranhamento eu x eu mesmo. Bingo!*

Como se vê, a leitura do excerto de Allwright & Hanks (2009) fez-me entender que a decepção sentida com relação à minha participação na conversa era um indicativo de que eu ainda pensava a partir do paradigma dicotômico pesquisador/sujeito de pesquisa. Ao que parece, possibilitar que todos os participantes sejam também pesquisadores implica aceitar que o chamado pesquisador torne-se também – e em seu sentido mais amplo – sujeito da pesquisa. Posto de outra maneira, enquanto catalisador do possível interesse dos outros participantes, no grupo, esse pesquisador torna-se mais um sujeito da pesquisa.

Possivelmente, se já tivesse refletido nesse sentido, o que chamei de “superparticipação” na conversa seria motivo de comemoração e não de desconforto. Só me incomodou o fato de ter interrompido minhas colegas ou ter aparentemente vetado alguns assuntos porque em algum lugar de meu senso crítico resistia a imagem do pesquisador *third-party*, distanciado de seus sujeitos de pesquisa e nunca se integrando ao contexto estudado.

Surpreendentemente, agora observo que Giselle e Juliana pareciam muito mais sensíveis ao que ocorria e às posições que ali ocupávamos do que eu mesmo no momento da interação. Exemplo disso é o que se observa nos primeiros

<sup>34</sup> “How could AR, a pioneer of practitioner, first-party research, be unduly influenced by the third-party model?” (Allwright & Hanks. 2009, p. 142).

minutos de gravação quando, depois de responder a uma pergunta que proponho, Juliana encerra um silêncio de intermináveis quatro segundos devolvendo-me a pergunta:

Quadro 26 – Juliana e o reposicionamento

<b>Giselle</b>	aqui não dá não mas lá dáhhh.
	(4.0)
<b>Bruno</b>	[e:]
<b>Juliana</b>	[e a sua] primeira impressão?
<b>Bruno</b>	não, as minhas impressões gerais... primeiro eu acho que... eu soube que esse filme era francês há pouco tempo, depois que tinha decidido assistir a esse filme eu descobri que ele era francês. eu já achei que ia ser tudo muito diferente porque na França (...) diferente. eu imaginei que as crises seriam menores mesmo; eu imaginei que ele não teria tantos problemas]. [apesar de (...)]

A forma hesitante como começo a responder sugere, para dizer o mínimo, que eu não estava preparado para aquela pergunta. É possível pensar ainda que eu, assumindo ali tão somente minha identidade de pesquisador (*third-party*), não estivesse preparado para pergunta alguma.

Tenho esse como um dos mais belos e importantes momentos daquela conversa. Consciente ou inconscientemente, de uma só vez Juliana não aceitou a identidade imputada de sujeito pesquisado, quebrou o protocolo pelo qual só eu fazia as perguntas e retirou-me da posição de pesquisador somente, operando meu reposicionamento identitário como um participante daquela conversa.

E não bastassem essas descobertas, como disse acima, também pude relacionar à PE os aspectos que desde o princípio considerei positivos na pesquisa.

### 6.2.3 Sustentabilidade

Já que não possuía uma lista de perguntas ou contava com uma agenda de tópicos para discussão, eu temia que houvesse muitos espaços vazios em nossa conversa. Por isso, a maneira engajada e natural com que todos – eu, inclusive – participamos da reflexão foi para mim uma surpresa.

### Quadro 27 – Sustentabilidade

Integrar plenamente o trabalho para entender às práticas curriculares existentes é uma forma de minimizar a carga e maximizar a sustentabilidade <sup>35</sup> . Allwright & Hanks (2009: 154, minha tradução)
Meu trabalho é sustentável ou eu forço uma situação-pesquisa extraordinária?

Tendo em vista o alto grau de envolvimento de todos os participantes da reflexão, ao ler o trecho acima não pude deixar de questionar a natureza daquele encontro reflexivo. Afinal, será que havíamos realizado um trabalho sustentável? E se havíamos, teria essa sido a explicação para o sucesso daquele encontro?

No contexto das aulas de línguas estrangeiras, Allwright e Hanks (2009) falam-nos da necessidade de se adequar a pesquisa (o trabalho para entender) às práticas existentes no contexto. Pois bem. Em se tratando do grupo de amigos formado por mim e as professoras envolvidas na pesquisa, nada mais habitual que trocas de experiências profissionais e conversas sobre o dia a dia nas escolas. Em minha casa, ambiente já velho conhecido de todos, em meio a lanches variados, assistimos a um filme e falamos de nossas vidas profissionais. Em outras palavras, um momento como outros já muitas vezes vivenciados por nós passou a fazer parte da pesquisa que eu buscava desenvolver.

Desse modo, por analogia, entendi que, no contexto de nosso grupo de amigos, aquele trabalho para entender era algo perfeitamente sustentável. Visto desse modo, ficava mais fácil compreender o surpreendente grau de participação de todos nós envolvidos, apesar do pouco planejamento que eu havia realizado.

#### 6.2.4 Entendendo a (minha) pesquisa

A vontade de pesquisar minha vivência profissional não surgiu a partir da percepção de um problema ou da vontade de alterar alguma prática ou rotina. Meu interesse sempre foi, como venho relatando, entender melhor essas experiências e angústias surgidas com meu ingresso no magistério público. Todavia, em uma

<sup>35</sup> “Integrating the work for understanding fully into existing curricular practices is a way of minimizing the burden and maximizing sustainability” Allwright & Hanks (2009, p. 154).

tradição de pesquisa acadêmica quase sempre voltada para a busca de soluções, explicar – para mim mesmo inclusive – esse *não* interesse pela resolução de problemas era quase sempre motivo de conflito.

#### Quadro 28 – Entendendo (minha) pesquisa

(...) a pesquisa é para que se possa ‘entender’ <sup>36</sup> . (Allwright & Hanks, 2009:146, minha tradução)
<i>Refletir (PEBA). Isso que eu quero!! E não melhorar, modificar, testar...</i>

E o ciclo se fechou. Parti da Pesquisa Educacional com base nas Artes, cheguei à Prática Exploratória e, ao ler o trecho de Allwright & Hanks (2009), encontrei um elo entre a PEBA e a PE. Dito de outra maneira, a noção exploratória de pesquisa como busca por entendimentos parece-me complementar à visão da PEBA enquanto pesquisa propiciadora de “oportunidades reflexivas” (Telles, 2007: 328). Afinal de contas, não se pode negar que a reflexão seja um caminho sempre válido para alcançarmos entendimentos.

### 6.3 Uma nota ainda

Vejo o processo desde o surgimento dos impasses até a tomada dessas notas como o meu caminho em direção (ou de volta) à Prática Exploratória. Graças às reflexões registradas em cada uma dessas anotações, pude perceber o grande potencial da PE enquanto facilitadora do trabalho reflexivo proposto pela Pesquisa Educacional com Base nas Artes.

Primeiramente, entendi que um trabalho reflexivo em conjunto torna-se mais proveitoso quando estruturado – e não somente experimentado – por todos os envolvidos. Assim, tive a chance de rever direções tomadas na busca pela afirmação do caráter colaborativo da (construção) da pesquisa.

Mais tarde, entendi que, para que eu pudesse explorar analiticamente o caráter reflexivo mútuo dos encontros, era preciso um distanciamento real do

<sup>36</sup> “understanding is emphatically what research is for” (Allwright & Hanks, 2009, p.146)

modelo de pesquisa *third-party*. Eu precisava aceitar que eu, como os outros, sou parte do que chamo de (minha) pesquisa – entendimento esse que tem relação com a análise de minha performance identitária ao longo da conversa. Afinal, foi possivelmente pela dificuldade em distanciar-me desse paradigma de pesquisa que pudemos observar o intermitente fluxo entre minhas identidades híbridas de amigo, participante e de pesquisador (-participante).

Então nem tudo parecia difícil de entender. O agradável conforto sentido durante o encontro tinha, afinal, uma explicação plausível. Não éramos um grupo de pessoas postas juntas para discutir e entender. Éramos um grupo de amigos que, exercendo sua amizade de maneira muito natural, refletia e entendia.

Finalmente, o dilema a respeito de como explicar o que eu pretendia epistemologicamente deixou de existir. Com a PEBA e a PE, a pesquisa para a reflexão e para o entendimento tinha um lugar teórico.

A PE lançou luz sobre meus dados e as questões por eles suscitadas. Essa perspectiva tem me ajudado a alcançar qualidade de vida enquanto pesquisador e participante. A meu ver, a ideia de refletir para entender sugere uma aliança irresistível entre a PE e a PEBA.